

A garota Gilvânia, vítima do acidente na Asa Norte, morreu no HBDF não podendo doar seus órgãos como era seu desejo

Falta de médico faz HBDF recusar doação de órgãos

Netto Costa

O Programa de Transplantes de Órgãos, da Secretaria de Saúde, enfrenta uma crise que chega a comprometer a finalidade do mesmo, ou seja, a de atender às pessoas que necessitam de transplantes para maior longevidade e melhor qualidade de vida. No último final de semana, por exemplo, Gilvânia Apacida de Souza, de 23 anos, foi sepultada sem realizar o desejo de doar seus órgãos, conforme revelou sua família. Ela teve morte cerebral em virtude de um acidente automobilístico e segundo a equipe de plantão do Hospital de Base, os órgãos de Gilvânia não foram retirados porque não havia especialistas de plantão. Apenas as córneas da paciente foram

retiradas para doação.

Apesar da crescente conscientização dos brasilienses, que engrossam a cada dia a lista de doadores de órgãos, o programa de transplantes, ao contrário, entra em colapso. Preocupado com o problema, o secretário de Saúde do Distrito Federal, Carlos Sant'Anna, convocou ontem uma reunião para reestruturar o Programa de Transplante de Órgãos.

Escala — Atualmente, justamente aos finais de semana, quando estatisticamente ocorre o maior número de acidentes automobilísticos, o setor de transplantes do HBDF não conta com escala de plantão. Apesar da reunião convocada pelo secretário de Saúde ainda não há a decisão de reverter a situação: "No próximo fim de semana ainda não teremos plan-

tonistas para realizar possíveis transplantes e, caso haja órgãos disponíveis para serem reaproveitados, é muito provável que o caso de Gilvânia se repita", admite o diretor-geral do HBDF, Lairson Vilar Ribeiro.

O problema é conjuntural, segundo Lairson: "vários fatores contribuem para a crise no setor, há falta de pessoal, medicamentos e até equipamentos para um acompanhamento pós-operatório". Nos últimos três meses a equipe de transplantes do HBDF perdeu cinco profissionais, três urologistas e dois nefrologistas. Equipamentos como o ecógrafo e o cintilógrafo estão quebrados.

Emergencialmente o secretário Carlos Sant'Anna determinou a imediata aquisição de estoque de drogas imuno-supressoras para 90 dias.

Óbito por infecção hospitalar é nulo

Em quase 11 anos de existência do Programa de Transplantes de Órgãos no HBDF não houve, até o momento, nenhum óbito por infecção hospitalar em pacientes transplantados. O diretor-geral do Hospital de Base disse que, dos cerca de 180 transplantes realizados até o momento, 160 ainda estão vivos, levando uma vida normal.

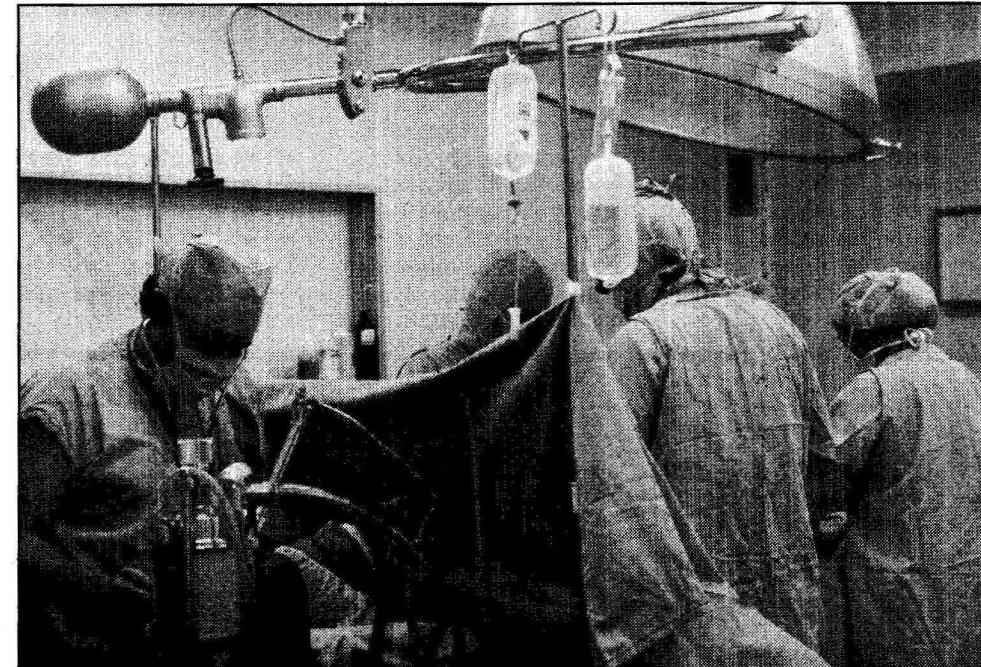
Segundo Lairson Vilar Ribeiro, diretor-geral do HBDF, o hospital tem cadastrados cerca de 360 pacientes renais crônicos que aguardam um transplante. Outros 150 pacientes aguardam a doação de córneas.

O médico Vilber Bello afirma que a falta de informação e as barreiras religiosas são as principais responsáveis pela rejeição das pessoas quando se trata do assunto doação: "As famílias não aceitam a morte cerebral do paciente e ficam à espera de um milagre". Só que no caso de doação o tempo é precioso e a demora pode inviabilizar um transplante.

Para Rita Maria da Silva Mendes, irmã do transplantado renal Acilino Ferreira da Silva — operado há dois anos e meio — muito pouca gente tem noção do que representa uma doação de órgãos: "uma cirurgia dessa tem que ser rápida e o órgão transportado em, no máximo, 48 horas", comenta. Hoje, ela desenvolve trabalho voluntário na Associação dos Renais de Brasília (Arebra), criada há quatro anos por parentes e amigos de pacientes com insuficiência renal.

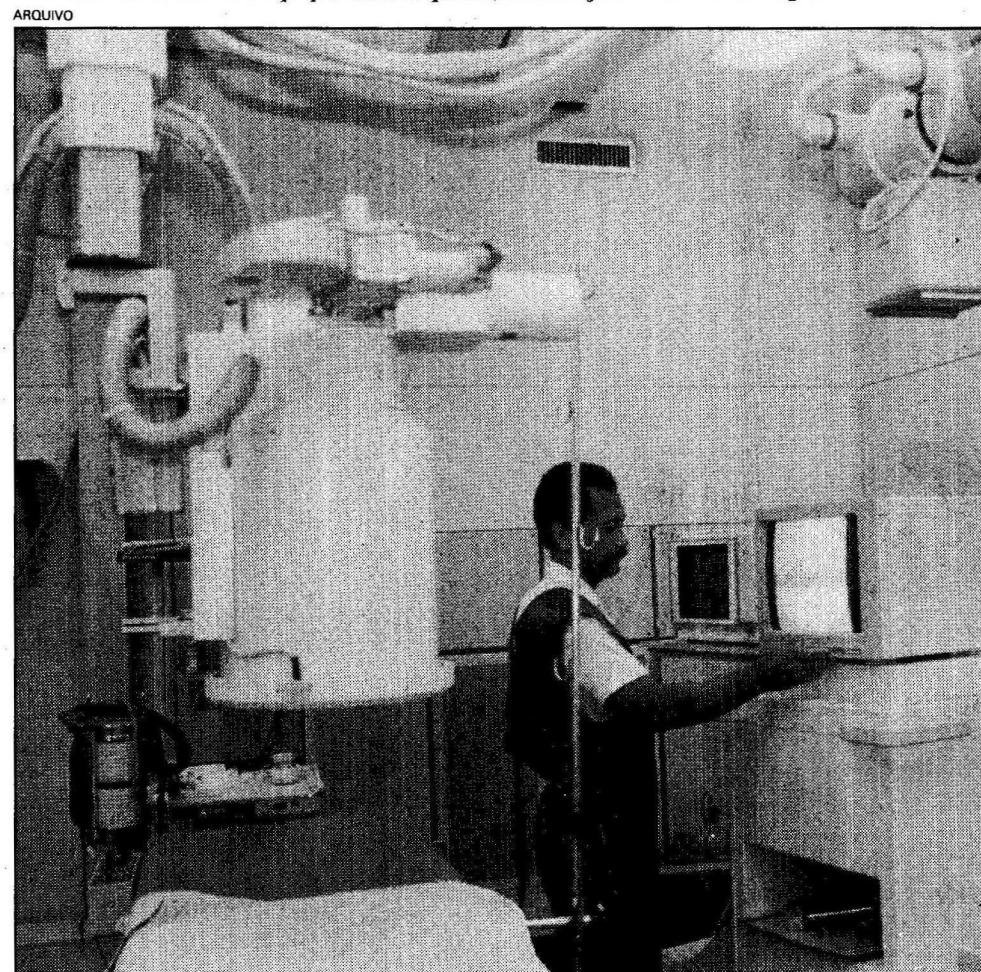
Para quem quiser se candidatar a futuro doador, o procedimento é simples. O Centro de Doação fica em frente ao Serviço de Emergência do Hospital de Base e funciona de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 12h e das 13h30 às 17h. Os doadores renais devem ter idade entre cinco e 53 anos, mas nos demais casos, a faixa etária não conta muito. A carteirinha de doador, intitulada Vale Vida, é fornecida na hora, sem qualquer ônus para o voluntário.

ARQUIVO



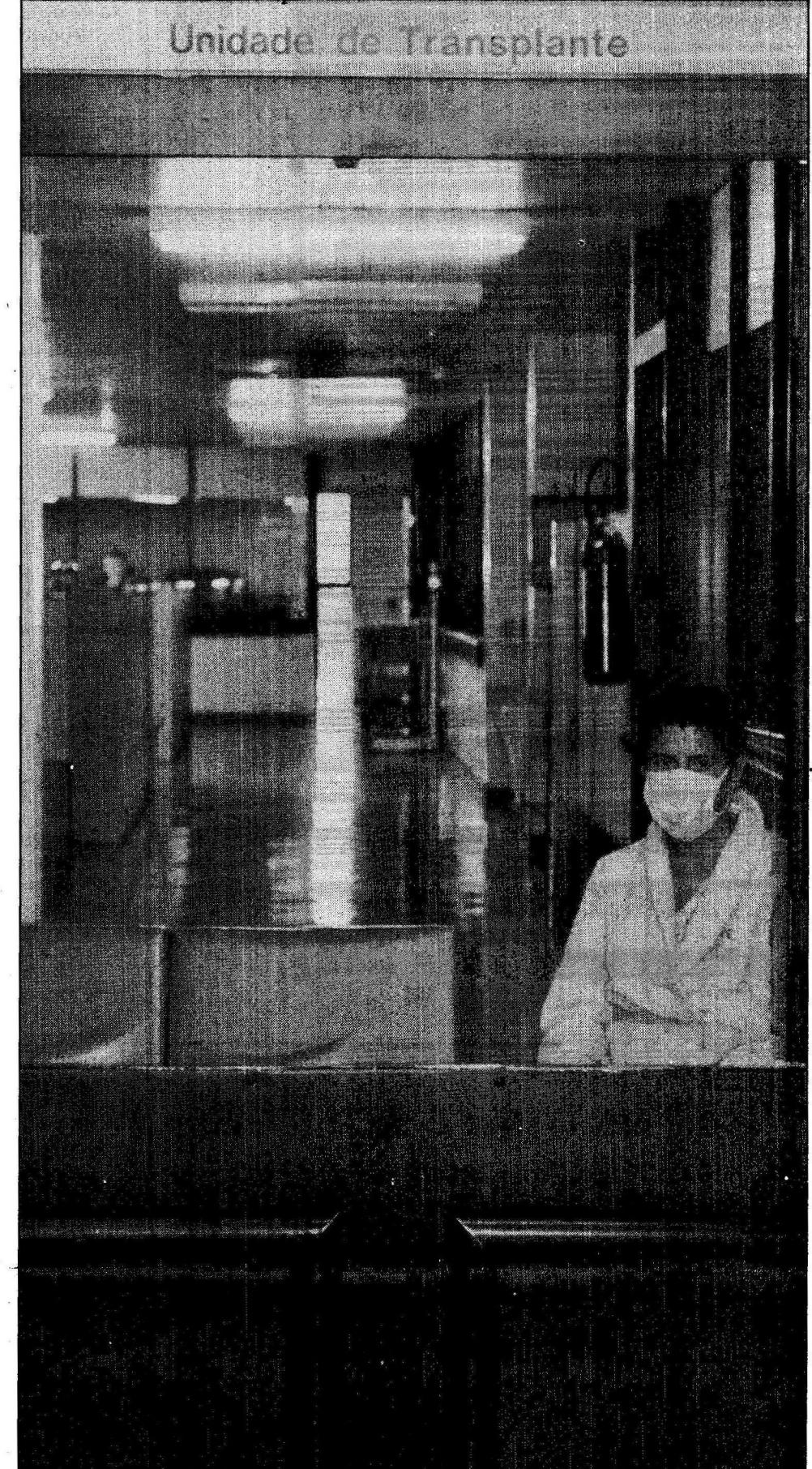
Falta de médicos e equipamentos quebrados lançam setor de transplantes em caos

ARQUIVO



O aparelho de cineangiocoronariografia não é suficiente para realização das cirurgias

Unidade de Transplante



Na Unidade de Transplante do HBDF é grande a espera por doadores

Recessão reduz cirurgias em 50%

A Associação Médica Brasileira (AMB) estima que o número de transplantes no Brasil caiu em 50 por cento nos últimos quatro anos por causa da crise financeira. Poucas pessoas podem pagar um transplante de fígado, por exemplo. O Instituto Nacional de Assistência Médica (Inamps) só financia cirurgias para troca de medula óssea, rim e córnea. Mesmo assim, os valores pagos estão abaixo dos custos.

A baixa remuneração tem desanimado médicos especialistas da área, que chegam a bancar parte dos custos. Hoje, a manutenção do doente ficou muito cara. O assunto foi discutido no Fórum Nacional de Debate sobre Transplante de Órgãos, realizado em São Paulo no ano passado, que reuniu os maiores especialistas da área. Foi opinião consensual de que a falta de doadores ainda é o grande

problema no Brasil. Em todo o País, existem mais de cem mil cegos à espera de uma córnea e 17 mil doentes fazendo hemodiálise enquanto não surge um rim para transplante. No caso da cardiologia, a escassez de órgãos é preocupante porque o tempo médio de espera para um transplante de coração é de no máximo seis meses. Depois disso, o risco do doente morrer é muito elevado.

Morte cerebral — Uma das principais dificuldades para o crescimento do número de transplantes no País é a resistência da população em admitir a tese da morte encefálica, quando o cérebro deixa de funcionar, mas o coração continua batendo. Em geral, a família só concorda depois que o coração pára. Aí pode ser tarde para aproveitar a maioria dos órgãos.

Cada doador pode salvar 8 doentes

Apenas um doador poderia estar atendendo oito pacientes, pois são passíveis de aproveitamento os dois rins, o pulmão, o coração, as duas córneas, o fígado e o pâncreas. Apesar de prever a incorporação de todos estes órgãos, atualmente o Hospital de Base realiza apenas os transplantes de córneas e rins: "Com a falta de recursos enfrentada atualmente pela Fundação Hospitalar do Distrito Federal não é possível definir prazos para o início de transplantes de outros órgãos", conta o diretor-geral do HBDF, Lairson Vilar Ribeiro.

Lairson Ribeiro disse que Brasília é um "celeiro de doadores", devido ao grande número de mortes por acidentes de trânsito. Ele conta que tem aumentado o número de doadores: "Mas é preciso que aumente a conscientização da importância desse gesto, principalmente por parte dos familiares". O Hospital de Base tem equipes

aptas para o transplante do pulmão, coração, fígado e pâncreas, pois já foram realizadas cirurgias experimentais com a utilização de cães como cobaias. Alguns dos profissionais também fizeram estágios nos Estados Unidos.

Idade — O diretor do HBDF disse que não há limite de idade para ser um doador, basta os órgãos estarem funcionando perfeitamente: "Em primeiro lugar deve ser constatada a morte cerebral da pessoa, o que é feito através de exame clínico realizado por três médicos que não irão tomar parte na cirurgia de transplante, isto é uma norma legal para não haver suspeitas de que os médicos estariam forçando a doação", explicou.

As córneas são órgãos mais resistentes e podem esperar mais pela cirurgia. Após a retirada do paciente morto, no máximo em duas horas, as córneas são colocadas em uma solução preservativa e podem ser reaproveitadas em até seis horas. O coração deve estar com a pressão arterial normal, por isso o processo tem que ser bem rápido, assim como nos casos dos rins, fígado, pulmão e pâncreas.